



Nau Literária: crítica e teoria de literaturas  
www.seer.ufrgs.br/nauliteraria  
ISSN 1981-4526 – PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre  
Vol. 11 N. 01 – 2015  
100 anos da geração Orpheu

## **Normal, anormal e patológico nas teses sobre a sanidade e a loucura em *O Alienista* de Machado de Assis**

Luhilda Ribeiro Silveira<sup>1</sup> e Geraldo Melônio do Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** Pensar a normalidade ou anormalidade do funcionamento psíquico do humano, seja na Psicologia ou em outras áreas que propõem a pensar a subjetividade do humano abre um leque de possibilidade em termos de cogitações e desafios. Buscamos neste trabalho esboçar uma análise sobre o espaço construído para a loucura, a partir da obra de Machado de Assis *O Alienista*, nas teses sobre a loucura postuladas por Simão Bacamarte – protagonista da história. Focamos uma articulação entre a discussão da loucura e sua trajetória histórica, entrelaçando-a a uma obra literária que ao modo machadiano ironiza, o cientificismo naturalista do século XIX.

**Palavras-chaves:** Sanidade; Loucura; *O Alienista*; Machado de Assis.

**Abstract:** Thinking about the normality or abnormality of mental functioning of the human, whether in psychology or other areas that offer the subjectivity of the human thinking opens up a range of possibilities in terms of reflections and challenges. We seek in this paper to outline an analysis of the built space for madness, from the works of Machado de Assis *The Alienist*, about the folly in thesis postulated by Simão Bacamarte - protagonist of the story. We focus a discussion of the link between madness and its historical trajectory, linking it to a literary work that mocks the way Machado, naturalistic scientism of the nineteenth century

**Keywords:** Health; Madness; *The Alienist*; Machado de Assis.

"A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente." (Machado de Assis, 2008, p.29).

Normal/patológico, sanidade/loucura são mais que simples paradoxos, são palavras que em Psicologia podem abrir caminho para um leque de possibilidades quanto às suas definições, de acordo com a perspectiva e abordagem adotadas, e que ainda assim não carregarão em suas conceituações as certezas que poderíamos pensar existir em termos de definições.

Ao que nos parece a separação entre a normalidade e a anormalidade foi o que possibilitou a construção do espaço para o patológico, mais comumente denominado loucura,

---

<sup>1</sup> Bibliotecária e graduanda da faculdade de psicologia da UFMA

<sup>2</sup> Psiquiatra, mestre em psiquiatria e professor da UFMA

significação esta que se insere ao longo dos tempos de diferentes maneiras na sociedade, e que carrega consigo aspectos inerentes ao contexto histórico e sócio-cultural de cada época.

Identificar aspectos relacionados a estados psíquicos do humano implica na busca pelo conhecimento de aspectos subjetivos que fazem parte da construção da psique humana, e esta é uma tarefa tão complexa quanto instigante. Essa foi, é, e ainda será uma empreitada que segue com a trajetória das sociedades, vale observar que cada época pode fazê-lo a seu modo, e de acordo com a sua perspectiva vigente.

Assim esboçaremos neste trabalho uma análise do normal, do anormal e do patológico, com um enfoque especial para a definição de loucura e o espaço que ela ocupa na sociedade, a partir da obra de Machado de Assis *O Alienista* com as teses de Simão Bacamarte – protagonista da história, sobre a loucura e sanidade. Buscamos com isso estabelecer uma articulação entre a discussão do tema da loucura e sua trajetória histórica tomando como base uma obra literária que bem ao modo machadiano se mostra satírica e irônica em sua crítica ao cientificismo naturalista que imperava no século XIX. As questões abordadas na obra abrem espaço para que possamos integrar as contribuições de Michel Foucault acerca da temática da loucura, principalmente em *História da Loucura*.

Desse modo iniciamos fazendo considerações sobre o normal o anormal e o patológico, trazendo para a discussão as facetas históricas da loucura para assim podermos pensar sobre a loucura, na seqüência apresentamos o que pode ser definido com o enquadramento da loucura nas teses apresentadas pelo protagonista da obra *O Alienista*, para assim termos comentários e pontos de convergências que se estabelecem com a literatura da área.

## **1 O normal, o anormal e o patológico**

As sociedades de cada época produzem seus saberes, enumeram descobertas e conceituam achados os seus modos. Isso implica desde aspectos objetivos do cotidiano, às mais subjetivas experiências humanas, passando pelas definições e compreensões dos estados psíquicos do humano.

Ainda na sociedade ocidental contemporânea é possível observarmos como ainda se produz e se naturaliza uma visão do sofrimento psíquico como objeto de intervenção da ciência, quer seja ela parte do aparato médico ou de outras áreas a ela se somam para integrar saberes e práticas. Nesse paradigma, a “desregulação” psíquica recebe o título de “doença mental”, que abre caminho para a convergência de saberes e produções teóricas que de modo geral, a partir

das pretensões científicas estabelecerão regras de classificação e assim de identificação para que a partir de então haja previsão e controle sobre esse fenômeno.

## 2A loucura e suas facetas históricas

O divisor de águas que colocou de um lado a sanidade e do outro, a loucura foi o século XIX, esse foi o momento em que a loucura teve seu espaço demarcado e suas nuances configuradas, alcançando aí um lócus que até então era preenchido por outros substantivos já que a “loucura” ainda não existia enquanto tal.

Até o final da Idade Média, aquele espaço da alteridade radical, referido anteriormente no início do texto, era representada pelo leproso. Encarnando o mal e representando o castigo divino, a lepra se espalha rapidamente causando pavor e sentenciando seus portadores à exclusão. Entretanto, com o fim das Cruzadas e a ruptura com os focos orientais de infecção, a lepra retira-se, deixando aberto um espaço que vai reivindicar um novo representante. Alguns séculos depois, essas estruturas de exclusão social passam a ser ocupadas pela figura do louco. (SILVEIRA; BRAGA, 2005, p.593).

Quem nos apresenta muito bem este cenário que inaugura um espaço para a loucura é Michel Foucault em sua obra *História da Loucura*, nela pode-se perceber como há esse rompimento histórico entre um não lugar e uma demarcação da institucionalização para a loucura na época.

Foucault apresenta em sua célebre obra uma possibilidade para pensarmos uma arqueologia da construção de um espaço para abrigar a loucura, que inicialmente se colocava apenas entre mais uma das configurações dos que deveriam estar em situação de internações nesses lugares. Um dos primeiros desses exemplos é o Hospital Geral de Paris datando de 1656 que tinha como função: “[...] recolher, alojar alimentar aqueles que se apresentam de espontânea vontade, ou aqueles que para lá são encaminhados pela autoridade real ou jurídica”. (FOUCAULT, 2009). Assim o espaço para as internações inicialmente não se destina, propriamente à loucura, pois ela ainda nem estava assim categorizada, mas a uma segregação dos que pudessem de algum modo perturbar a ordem geral, assim poderiam fazer parte dessa leva de internamento, mendigos, criminosos, bêbados, e também os loucos (estes últimos ainda não caracterizados como doentes mentais).

Foi somente a partir da emergência do racionalismo que marca o século XVIII, que há a caracterização de uma enfermidade enquanto loucura, até o século XVII não havia demarcação em termos de um lugar específico, mas sim uma diferenciação que colocava no mesmo plano diversas manifestações que poderiam perturbar a dita ordem geral, e que,

portanto, necessitavam do internamento. As medidas que se institucionalizavam essa prática eram às vezes do âmbito jurídico que propriamente médico.

Até o século XVII

O que se tinha era a denúncia da loucura, mas não a definição de sua especificidade ou das formas de aparição. Foi a visão cartesiana do mundo que a que impôs que a denúncia da loucura fosse seguida de uma partilha tornando irreduzíveis os termos da oposição razão-desrazão. Era fundamental, naquele momento, que se estivesse de um lado ou de outro. Na poderia mais haver lugar para a dúvida. (GARCIA-ROZA, 1996, p.27).

A ênfase dessa época para assinalar a diferença entre homem e animal é a racionalidade, ela seria a grande marca do homem no mundo impregnado por uma lógica cartesiana. Nessa perspectiva, o louco então se identificava com o animal, já que havia o comprometimento desta que era o ícone que consagrava admirável e inconfundível status de humano. Isso pode ter sido uma mola propulsora para dar margens às práticas de dominação da loucura (não racionais) de modo idênticos àqueles não humanos (animais).

A partir da denúncia da loucura, surge a consciência dos seus modos de aparição. Esse é o momento em que a loucura emerge como objeto do saber e não apenas como diferença a ser segregada e asilada. (GARCIA-ROZA, 1996, p.28)

Para Foucault há duas grandes formas de experiência da loucura que se justapõem no decorrer da idade clássica, e para ele, cada uma delas tem seu índice cronológico, que seria não num sentido de que uma fosse experiência elabora enquanto a outra uma espécie de consciência rude ou mal formulada, mas sim uma articulação clara de prática coerente, assim, uma teria sido herdada do desatino ocidental, enquanto a outra é uma criação própria do mundo clássico. (FOUCAULT, 2009).

É no século XVIII que irá se constituir a condição de “verdade do mal” irá se explodir ganhando o status de loucura. O hospital desse século irá criar as condições para que se construa um lugar não só de observação e demonstração da loucura, mas de purificação e de prova, utilizando-se para isso uma aparelhagem complexa que ao mesmo tempo faz aparecer e produzir realmente a doença. (FOUCAULT, 1979, p.28).

### **3A psicopatologia forense de Simão Bacamarte: a loucura e a sanidade em *O Alienista* de Machado de Assis**

As considerações anteriores nos fazem refletir sobre as que se apresentam em *O Alienista*, a questão central que é colocada na obra é a identificação de padrões de normalidade e anormalidade, a partir de uma definição para a loucura. Na obra, Machado de Assis coloca

em questão o conceito de loucura. Isso se dá não por acaso, mas dado diante de um contexto histórico marcado pelo culto ao cientificismo que predominava na cena do século XIX.

O contexto cientificista da época ainda remonta séculos anteriores, e sobre isso Foucault (2009, p. 161-162) afirma que:

A Psiquiatria positiva do século XIX, e também a nossa, se renunciaram às práticas, se deixaram de lado os conhecimentos do século XVIII, herdaram em segredo todas essas relações que a cultura clássica em seu conjunto havia instaurado com o desatino; modificaram essas relações, deslocaram-nas; acreditam falar apenas da loucura em sua objetividade patológica mas, contra a vontade, estavam lidando com uma loucura ainda habitada pela ética do desatino e pelo escândalo da animalidade.

Na obra *O Alienista*, que se passa no século XIX, Simão Bacamarte é um médico formado em Coimbra que regressa ao Brasil e se instala na Vila de Itaguaí, no Rio de Janeiro, onde estudará com afinco, temas diversos como filosofia, ciência, religião, medicina, etc. Simão traz consigo todo o cientificismo típico do seu século e herdado do século anterior, caracterizado por uma objetividade excessiva, que conduz não só o seu fazer em aspectos profissionais, mas também os pessoais, como se mostra na obra, desde a escolha da sua esposa, que não era nem bonita, nem simpática, mas:

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhes filhos robustos, são e inteligentes. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 13-14).

Simão Bacamarte exprime uma obsessão em especial pela classificação e tratamento dos doentes mentais do lugar, e resolve montar uma espécie de sanatório – *A casa de Orates* (também chamada de *A casa verde*) onde o médico inicialmente recolhe e trata os cidadãos supostamente desequilibrados. Entretanto, ele vai percebendo que tal classificação não é tão simples quanto poderia prever a mera lógica cientificista. O caráter destacado do cientificismo da época fica explícito no trecho da obra: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, pp. 18-19).

Simão Bacamarte, apesar de toda a sua inconstância e por vezes autoritarismo que marca o seu trabalho, ao que nos parece, não é nem alienado, e nem alienador, é talvez um médico impregnado pela ânsia de atender aos anseios a que se propõe a Ciência, no sentido de ter em suas intenções a pretensão de grandes feitos à humanidade, isso é enfatizado quando ele afirma: “Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.19).

Nesse ponto, acerca das instâncias científicas guiando a divisão entre loucura e sanidade, vale mencionar uma importante figura da história do Brasil que aqui se associa às pretensões de Simão Bacarmarte na obra machadiana – José Martins da Cruz Jobim, um médico brasileiro formado em Paris que foi um dos fundadores da associação médica do país. Jobim tinha sua atuação era basicamente pautada numa abordagem higienista, baseada em estudos sintomatológicos e anatomopatológicos.

As práticas de Jobim exemplificavam o que mais tarde se tornaria uma prática comum,

[...] o exame do cadáver objetivando correlacionar o quadro clínico apresentado e alterações anatômicas patológicas eventualmente encontradas. Ali, já no título o autor se perguntava se a loucura agitada, com acentuada loquacidade, variações de humor e indícios de alucinações, seria ocasionada por uma grave afecção pulmonar, manifestada em vida e confirmada na necropsia. (ODA, 2005, p. 555).

A obra *Insânia Louquaz* de Jobim, se configura com o primeiro texto escrito sobre doença mental no Brasil, seus estudos eram baseados em dados clínicos e patológicos compatíveis com meningite tuberculosa. (GOMES; ENGELHARDT; CHIMELLI, 2013).

As “coincidências” que cercam a história de Jobim com as que nos são contadas por Machado de Assis em *O Alienista* nos fazem partilhar da crença de que se trataria de uma paródia ao modelo empreendido por Jobim, pois sua história e muito lembra a de Simão Bacarmarte.

Seguindo a análise das teses sobre a loucura, retomando a apreciação da obra machadiana, verificamos que há basicamente quatro concepções que diferenciam loucura e sanidade que, marcam a divisão da obra em quatro fases, como veremos nos tópicos que seguem.

### **3.1 A Sanidade é a regra, a loucura é a exceção**

A 1ª fase da obra é quando a Casa Verde começa a funcionar e lá são recolhidos os loucos, que são aqueles cuja falta da razão é clara e indubitável de tal forma que não conseguem conviver em sociedade. Daí surge a 1ª tese sobre o que seria sanidade e loucura:

- a) SANIDADE: é o equilíbrio psíquico, a razão manifesta. Em linhas gerais, é o ser humano normal – A regra.
- b) LOUCURA: desequilíbrio acentuado e bem visível à sociedade; falta da razão – A exceção.

A partir desta máxima para a distinção entre sanidade e loucura chega-se ao ponto de Simão Bacarmarte ter internado quatro quintos da população local, que lotam o hospício.

É interessante observar que, assim como ocorre na *Casa Verde* instituída por Simão Bacamarte, a história das internações que remontam a história da institucionalização também é marcada por superlotações como ocorreu em Paris no século XVII, lá “[...] poucos anos após sua fundação, o único Hospital Geral de Paris agrupava 6.000 pessoas, ou seja, cerca de 1% da população.” (FOUCAULT, 2009, p.55). Nesse contexto o espaço de internamento constitui-se como segregação dando um lugar, uma pátria para a loucura, assim como o fez Simão Bacamarte em Itaguaí.

Assim a idéia que se estabelece para um parâmetro de internamento tanto em *O Alienista*, quanto no cenário descrito acima em Paris são frutos de um positivismo cientificista que imprime uma lógica no estabelecimento da identificação dos padrões para classificar a loucura o seu enclausuramento. Essa é uma marca que podemos identificar em Simão Bacamarte, uma obsessão pela classificação racionalista, que se atinge de um modo pragmático e racionalista.

### **3.2 A loucura é a regra, a sanidade é a exceção**

No quarto capítulo, Simão Bacamarte descreve uma teoria nova que não menos imbuída de pretensões de grandes contribuições à sociedade, assim ele descreve o seu trabalho:

Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a Ciência é outra coisa [...] senão uma investigação constante. Trata-se, pois de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. (Machado de Assis, 2008, p.28).

A lotação da *Casa de Orates*, a partir do estabelecimento do primeiro parâmetro de loucura, fez com que Bacamarte repensasse suas postulações e então invertesse o critério da sua “seleção” para determinar loucos e sãos na sociedade Itaguaiense.

Então surge a segunda tese sobre o que seria a sanidade e a loucura:

- a) SANIDADE: razão perfeita e absolutamente equilibrada;
- b) LOUCURA: qualquer desvio, por menor que seja, desse equilíbrio.

A nova empreitada do alienista então redefine seu conceito de loucura e se inicia nova fase das internações na Casa Verde, com isso ele define: “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.29).

Na segunda fase, o Alienista amplia seu conceito de loucura, considerando-a quase que como regra, e assim coloca: “A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia e só insânia”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.31).

Nesse ponto ele se põe a perceber que mesmo as pessoas ditas normais podem ter algum desequilíbrio, e diferente é quem todas as suas faculdades preservadas, livres de qualquer desequilíbrio. A razão, praticamente agora, é a exceção.

Com tal crença o alienista se pôs a enviar cada vez mais gente para a Casa Verde, pois mais e mais apresentavam os desvios que eram considerados por ele desequilíbrio das faculdades mentais, assim todos que apresentavam qualquer sinal de desvio eram sumariamente metidos na casa verde, de modo que chegou a internar a própria esposa – *Dona Evarista*, por conta de “condutas desviantes”. Para justificar tal insânia de sua mulher, o alienista comenta que percebera sintomas de insanidade em sua esposa, observando alguns comportamentos tais como: dar grande valor às sedas, veludos, rendas e pedras preciosas após certa viagem ao Rio de Janeiro. A evidência completa de loucura em sua esposa é colocada no trecho:

Tudo isto era eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado e enfeitado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria, respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa. – Que tem? – Perguntei-lhe. – Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito! – Pois leve o de safira. – Ah, mas onde fica o de granada? – Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência; recolhi-a logo”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, pp.70-71).

Nessa passagem fica evidenciado o quanto qualquer conduta que para Simão Bacamarte fosse considerada de algum modo desviante, era logo seguida de internação na Casa Verde, e ainda o quanto que conduta desviante, poderia ser tão fácil de ser percebida por ele, revelando seu o caráter de fixação em delimitar de um padrão de previsibilidade do comportamento que seria então assim denominado de loucura.

### **3.3 Normal é o desequilíbrio das faculdades, o patológico é um equilíbrio ininterrupto**

É a partir do décimo capítulo que o alienista começa a apontar para uma nova direção rumo ao estabelecimento da separação entre loucos e sãos em Itaguaí. Após um período de frenéticas internações, superlotação e até rebelião da população por não compreender a até suspeitar dos reais interesses que se estabeleciam por trás dos critérios para as internações,

Simão Bacamarte ainda tenta justificar sua lógica de segregação afirmando que: “[...] não havia regra para a completa sanidade mental”. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.68).

Nesse capítulo o médico se dá conta de que a maior parte da população já está internada na casa verde, de modo que lhe ocorreu haver então alguma incoerência em sua tese, e então resolvera colocar à solta, todos que ali estavam. No momento precedente o alienista encaminha uma carta ao legislativo local expondo sua decisão quanto à soltura do que habitavam a Casa Verde. Nesse sentido, sua carta apresenta seis pontos em sua exposição:

1º que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º que esta deslocação da população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que, desse exame e do fato estatístico, resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e, portanto que se devia admitir como **normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades** e como **hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto**; 4º que à vista disso declarava à câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda natureza, esperando da câmara igual dedicação; 6º que restituía à câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos [...]. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.72. grifo nosso).

Destarte, põe a nova tese:

- a) **NORMAL**: desequilíbrio das faculdades mentais;
- b) **PATOLÓGICO**: equilíbrio ininterrupto das faculdades mentais.

A incessante busca pelo estabelecimento de padrões cientificistas de normalidade e de loucura é levada sempre ao extremo por Simão bacamarte, que não mede esforços e nem atrocidades para empreender tais parâmetros. De todos os itens de sua comunicação, um evidencia um novo caminho para suas futuras experiências rumo à colaboração científica sobre a loucura. É no 4º item dessa comunicação que tais facetas se evidenciam e apontam em direção ao novo e inesperado rumo à narrativa.

### **3.4 Louco é quem não tem nenhum desequilíbrio**

Nesta última fase, já no capítulo, XIII Simão bacamarte põe-se a pensar: realmente seriam loucos os que habitaram a Casa Verde? E isto por si só construía um paradoxo, pois: seriam os loucos soltos, realmente loucos, quando foram recolhidos à Casa? Será que neles já não havia um desequilíbrio guardado em si? Mas se esse desequilíbrio já existia, então não eram loucos, pois louco agora era que não possuía nenhum desequilíbrio em suas faculdades mentais. Diante de tais questões Simão bacamarte interroga-se: “– Mas deveras estariam eles doidos, e

foram curados por mim, ou o que pareceu cura não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro? ” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.85).

Coloca-se a quarta tese:

- a) SANIDADE: A mente sem o equilíbrio perfeito, total, que tem o desequilíbrio, mesmo que apenas só latente.
- b) LOUCURA: É a mente perfeita e totalmente equilibrada, sem fatores de desequilíbrio manifesto ou latente.

Destarte o alienista experimenta uma mistura de gozo e abatimento, pois partindo desta nova constatação do “natural desequilíbrio” do cérebro não havia mais loucos em Itaguaí, Simão Bacamarte não encontrou um único que se enquadrasse nas condições que agora eram colocadas para descrever um mentecapto, alhures surgiu em sua mente a dúvida: “Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concentrado? ” Mal teve este pensamento, e vinte minutos depois lhe surgiu uma nova clarividência, para continuar em suas investidas intempestivas sobre os achados da loucura, e para isso lhe aludiu o que seria o resultado de sua nova doutrina psicológica:

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si as características do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a que interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

- Nenhum defeito?
- Nenhum – disse em coro a assembléia.
- Nenhum vício?
- Nada.
- Tudo perfeito?
- Tudo. (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.86)

Finalmente Simão Bacamarte coroa sua última tese com seu recolhimento à Casa Verde, em meio a uma ambivalente emoção de alegria e tristeza – mais alegria que tristeza, como é dito na obra. Muitos, inclusive sua mulher, insistiu para que não levasse a cabo sua reclusão à Casa, mas ele afirma: “– A questão é científica [...]; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu, reúno em mim mesmo a teoria e a prática” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p.87). A convicção do alienista de que poderia estabelecer os limites entre a loucura e sanidade, era mais que um mero estudo científico, constituiu sua maior obsessão. Não demorou muito, para que ele morresse se entregando ao estudo e à cura de si mesmo.

Evidencia-se aqui o caráter extremista que a busca pelas predeterminações científicas estabeleceu nesse conto, a ênfase com que o alienista desenvolve seu trabalho reflete a busca incessante de um alucinado pela ciência e por suas validades, mensurações e previsões.

Foucault (2009) tratando da produção do conhecimento sobre a loucura nos traz a ideia de que produzir o conhecimento sobre a loucura, é produzir a própria loucura. Com isso a obra Machadiana apresenta elementos que nos evidenciam uma crítica ao desenfreado cientificismo, característico do século XIX, que mais tarde vem encontrar sustentação nos discursos de que se atreve a discorrer sobre a loucura e as suas delimitações.

#### **4Um lugar para a loucura chamar de seu**

A obra de Machado de Assis ilustra a criação de um espaço para a loucura assim como se deu nas sociedades a partir do século XVII, onde a loucura encontra um lugar para que lá seja assim denominada, a fim de se estudada, e

[...] de abordar uma experiência bastante positiva da loucura – experiência que, retirando do louco a precisão de uma individualidade e de uma estatura com as quais a Renascença o caracterizava, engloba-o numa nova experiência e lhe prepara, para além do campo de nossa experiência habitual, um novo rosto: exatamente aquele em que a ingenuidade de nosso positivismo acredita reconhecer a natureza de toda loucura. (FOUCAULT, 2009, p.125).

Se o lugar onde se abriu espaço para a positivação da loucura foi encontrado nos hospitais gerais, e casas de abrigo a partir das experiências de internamento, a autoridade que estabelecia quem deveria ou não povoar tais instituições, cabia a juízes e médicos, que inicialmente não fazia distinção entre o doente mental, o alcoólatra, ou o criminoso, todos compartilhavam um status que lhes faziam ser dignos de habitar esses estabelecimentos. Na França do século XVII tais internamentos chegaram a ser decretados por sentenças judiciais onde nem sempre a figura do médico se fazia presente para identificar diferenciações nos que ali eram colocados.

De um modo geral, pode-se dizer que até o final do século XVIII a medicina referiu-se muito mais à saúde do que à normalidade; não se apoiava na análise de um funcionamento – regular – do organismo para procurar onde se desviou o que lhe causa distúrbio, como se pode restabelecê-lo; referia-se mais a qualidades de vigor, flexibilidade e fluidez que a doença faria perder e que se deveria restaurar. (FOUCAULT, 1994, p. 39).

Nesses moldes o normal e o patológico servem para designar as condições de funcionalidade orgânica. Nessa perspectiva, o patológico se enquadra como um aspecto negativo, como uma impossibilidade de um funcionamento padrão normativo do organismo.

Observamos que nesse paradigma o que se encontra da loucura é “[...] uma experiência social, normativa e dicotômica da loucura, que gira ao redor do imperativo do internamento e

se formula apenas em termos de ‘sim ou não’; ‘inofensivo ou perigoso’, ‘para ser internado ou não’ [...]”. (FOUCAULT, 2009, p.132).

É só no século XIX que se estabelece a nova divisão do que estava confusamente misturado, e se concedem os poderes de decisão ao juízo médico para nos introduz no mundo da loucura. E a inda em meio às definições do que seria a loucura no campo das patologias, ainda assim há espaço, mesmo na medicina para um esfumaçamento entre a linha do normal e do patológico. Foucault (2000, p. 18) nos traz a consideração de que com o passar do tempo a medicina: “[...] aprendeu mais claramente que os quadros clínicos não eram uma coleção de fatos anormais [...] mas sim constituídos em parte pelos mecanismos normais e as reações adaptativas de um organismo funcionando segundo sua norma.

## **5 Considerações finais**

A importância que nos revela pensar sobre a (a)normalidade e a loucura, seja a partir de uma literatura, seja pelo viés da Psicologia, se evidencia por construir uma possibilidade de conhecer as formas, e as raízes históricas do conceito de loucura, e como as sociedades foram se organizando para dar espaço a essas manifestações psíquicas, além de permitir uma análise das concepções que nos possibilitam refletir acerca das práticas que foram realizadas no passado, e das que são realizadas hoje na assistência às pessoas em sofrimento psíquico.

Ao que nos parece a separação entre a normalidade e a anormalidade foi o que possibilitou a construção do espaço para o patológico, mais comumente denominado loucura, significação esta que se insere ao longo dos tempos de diferentes maneiras nas sociedades, e que carrega consigo aspectos inerentes ao contexto histórico e sócio-cultural de cada época.

A obra machadiana aqui tratada pode nos fazer refletir tanto sobre essa jornada que deu não só um lugar, mas um status científico à loucura, quanto sobre as facetas que esta pode assumir a partir do estabelecimento paradigmas que sirvam para positivar a loucura. Nessa perspectiva, embora se cultive tanto conjecturas quanto certezas no que tange a mente humana em termos de estabelecimento de normas fixas de padrão de normalidade, a incessante busca pela identificação de aspectos relacionados a estados psíquicos do humano segue o seu caminho, implicando na busca de conhecimentos dos aspectos subjetivos que fazem parte da construção da psique humana, constituindo-se como uma tarefa tão complexa quanto instigante.

## **Referências**

CAIXETA, Marcelo. et al.. *Neuropsicologia dos transtornos mentais*. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: PUC, 1979.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

GOMES, Marleide da Mota; ENGELHARDT, Elias; CHIMELLI, Leila. The first Brazilian neuropsychiatrist, José Martins da Cruz Jobim, tuberculous meningitis and mental disease. *Arquivos de neuropsiquiatria*, v.71, n. 13, p.191-193, 2013.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *O Alienista*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

ODA, Ana Maraia Galdini Raimundo. Apresentação a “Insânia loquaz” (Jobim, 1831) e a “Reflexões sobre o trânsito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro” (Sigaud, 1835). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*. v.3, n.3, setembro, p. 554-556, 2005.

SILVEIRA, Lia Carneiro; BRAGA, Violante Augusta Batista. Acerca do conceito de loucura e seus reflexos na assistência de saúde mental. *Revista de Latinoamericana de Enfermagem*, v.13, n.4, p.191-195, 2005.